

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO

21

**A ASSOCIAÇÃO
CRISTÃ
DE MOÇOS**

**PUBLICAÇÃO DO SECRETARIADO
NACIONAL DE DEFESA DA FÉ**

41

ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 21

PE. DR. L. RUMBLE, M. S. C.

**ASSOCIAÇÃO CRISTÃ
DE MOÇOS**

**PUBLICAÇÃO DO
SECRETARIADO NACIONAL DE DEFESA DA FÉ
EDITORA VOZES LIMITADA
1959**

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TROPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP, O. F. M. PETROPOLIS, 15-IV-1959.

Título do original inglês: Y.M.C.A. — Y.W.C.A.
not for Catholics.

Publicado pelos Fathers Rumble & Carty, Saint Paul 1,
Minn. U. S. A.

Copyright by the RADIO REPLIES PRESS

A. C. M. — A. C. F.

Não para Católicos

A Associação Cristã de Moços (A.C.M.) tem um título muito atraente para todo aquê para quem Cristo signifique alguma coisa; e está em ação para atrair, primeiramente, todos os moços Protestantes que crêem em Cristo, para os assistir na promoção da causa d'Ele e os ajudar a evangelizar a humanidade.

Mas acolhe também outros moços, pela boa influência que espera ter sôbre êles, quer êsses moços pertençam às Igrejas Ortodoxas Orientais, quer pertençam à Igreja Católica ou à religião Judaica. Na Índia e na Ásia, e em outras terras que tais, pode ela mesmo achar lugar para Muçulmanos e Budistas. De fato, um locutor da "World Alliance" ("Aliança Mundial") recentemente declarou que a A.C.M. deve considerar "como sua paróquia" os 400 milhões de jovens do mundo inteiro.

Na A.C.M., pois, deparamos com um movimento mundial; com um movimento verdadeiramente internacional, e que já conta milhões de adeptos. E continuamente, ora aqui, ora ali, ela está empreendendo campanhas para aumentar ainda mais o número dos seus membros. Ademais, geralmente ela é tida na maior estima. E' muito popular em altas rodas, não raro em círculos eclesiásticos, quase sempre em quartéis-generais cívicos. Em 1955, o Governo Brasileiro, como o

Australiano, até emitiu um selo comemorativo especial em honra do Centenário da A.C.M., como um tributo público e quase internacional aos serviços dela à humanidade.

Pareceria uma vergonha introduzir sequer uma nota suavemente discordante nessa sinfonia de louvor quase universal. Mas, uma vez que o interesse da A.C.M. por novos membros visa a drenar também os Católicos para as suas fileiras, é absolutamente necessário colocar as coisas na sua justa perspectiva; ou, como às vezes se diz, "pôr os pontos nos ii". Os nossos moços católicos têm uma obrigação mui definida de perguntar se essa Associação, nascida fora da sua Igreja e professando ser um empreendimento cristão, pode ser posta em harmonia com os princípios católicos; e se, em boa consciência, podem eles próprios alistar-se sob a bandeira dela.

O problema é excessivamente difícil, e nenhum tratado dêle meramente superficial pode propiciar solução condigna. Confusões e ambigüidades abundam, e devem ser esclarecidas a todo custo. Muitos Católicos não têm visto nenhum mal em pertencerem à A.C.M. Realmente, muitos têm feito isso. Têm visto a boa obra que a A.C.M. realiza em tantos terrenos. Dão-se conta ed que muitos dos seus concidadãos, não membros dela, a apóiam por motivos de devotamento cívico. E têm sentido que, dessa maneira ou daquela, seriam grosseiros e falhos de boa vontade cívica se não seguissem exemplo tão inspirador.

Mas haverá algum perigo latente para a fé dos Católicos individualmente que a ela se aliam? E, apoiando-a, estarão, sem o saber, apoiando uma Organização que tem causado indizível mal à Igreja Católica e continuará a causá-lo enquanto existir, pelo próprio fato de ser o que é? Acaso os Católicos que a ela

já pertencem foram realmente mal encaminhados, por não terem olhado bem estas matérias? Seja lá como fôr, olhemo-las agora.

Para chegarmos ao ponto de vista Católico a respeito da A.C.M., será necessário delinear-mos brevemente a história dela, discutir-lhe a verdadeira natureza, procurar localizar o exato ponto de perigo para os Católicos, se o há; e analisarmos pronunciamentos oficiais da Igreja sôbre ela. A matéria, como dissemos, é complicada; e o que vai escrito neste livrinho — não por falta de simpatia — precisa ser considerado na íntegra, sem isolar dêle esta ou aquela passagem.

Contudo, as conclusões serão mui definidas e claras para todos os que desejem ver a A.C.M. tal qual ela é em têrmos dos princípios da religião Católica; e a senda a ser seguida será inerrável para os Católicos de boa vontade que desejem acima de tudo ser leais à sua Fé.

HISTÓRIA DA A.C.M.

Indiretamente, a origem da A.C.M. pode ser ligada à América, e àquilo que é conhecido como o “Grande Despertar” durante a última metade do século XVIII. Os anos que se seguiram à chegada dos “Irmãos Peregrinos” viram um triste declínio na disciplina religiosa e o crescimento de um vasto relaxamento espiritual. Mas, de 1725 em diante, e através dos cinqüenta anos seguintes, renascimentos religiosos levaram por todos os Estados, resultando numa onda de entusiasmo evangélico. Uma segunda fase dêsse “reavivamento” surgiu no ano de 1800, e os evangelistas Americanos começaram a visitar a Inglaterra para exercitar ali algo do seu fervor.

Foi em Londres, numa reunião "revivalista" dirigida pelo evangelista americano Charles Finney, que um ardoroso jovem inglês chamado George Williams experimentou uma profunda conversão interior. Ele trabalhava numa casa de tapeçarias, e, com a sua nova visão religiosa, imediatamente tornou-se um apóstolo entre os empregados, seus companheiros, persuadindo-os a reunir-se nos aposentos d'ele para reuniões de oração e estudo da Bíblia.

Empregados de outras firmas foram mais tarde convidados a freqüentar essas reuniões, e logo a idéia de estender o plano levou à formação de uma "Associação de Moços" por doze pioneiros, a 6 de junho de 1844. O intuito declarado dos membros dela era "influenciar os moços a difundirem o Reino do Redentor entre aquêles que os cercavam"; e desde o princípio a Associação caracterizou-se por um intenso zêlo religioso para ganhar homens para Cristo.

Dentro em sete anos o movimento arraigara-se em vários países do Continente Europeu, e propagara-se também aos Estados Unidos da América, onde rapidamente se expandiu, embora tendesse ali a desenvolver-se ao longo de linhas não raro mui diferentes das da Associação-mãe. Foi tão extraordinário o crescimento geral da organização, que em 1855 uma Conferência Internacional pôde ser levada a efeito em Paris, com a presença de representantes da Inglaterra, Bélgica, Alemanha, Holanda, Suíça, Estados Unidos e Canadá; e nessa Conferência foi adotado aquilo que é conhecido como as "Bases de Paris" de tôdas as fundações da A.C.M.:

"As Associações Cristãs de Moços procuram unir aquêles moços que, considerando Jesus Cristo como seu Deus e Salvador, de acôrdo com as Sagradas Escrituras, desejam ser seus discípulos na sua doutrina

e vida, e associar os seus esforços para a extensão do seu reino entre os moços”.

Depois da Conferência de Paris, progressos verdadeiramente estupendos verificaram-se nos Estados Unidos durante os trinta anos seguintes. Sob a gestão do primeiro Secretário da cidade em Nova York, Robert McBurney, foram construídos prédios-modelo que abriram o caminho para mais de mil construções semelhantes só na América, e propriedades no valor de milhões de dólares hoje. Devido aos maiores recursos financeiros ali disponíveis, as atividades sociais puderam ser ali estendidas além de qualquer possibilidade na Europa; e foram cada vez mais intensificadas.

O escopo da A.C.M. foi, assim, ampliado, e o movimento americano adotou o símbolo do triângulo para significar o objetivo da Associação de prover ao homem todo, “espírito, mente e corpo”. Porém, para muitos, o sistema americano pareceu um afastamento da finalidade original do fundador da Sociedade, George Williams, que, primariamente pelo menos, pretendia o bem-estar religioso e espiritual dos moços; e Conferência após Conferência nos Estados Unidos teve de revocar os membros a êsse objetivo primário, insistindo em que prover às necessidades intelectuais, recreativas e outras dos moços devia ser considerado objetivo secundário àquele outro, e empreendido somente como meio de promovê-lo.

JOHN R. MOTT

Um dos promotores mais influentes da obra da A.C.M. na América foi John R. Mott. Como estudante metodista na Universidade de Cornell, convertera-se por ocasião de uma reunião “revivalista” dirigida ali

pelo evangelista J. K. Studd, em 1882. De então por diante, fez praticamente da sua vida um devotamento ao bem espiritual dos estudantes em geral, e a empreendimentos missionários estrangeiros.

Após a sua formatura em 1888, tornou-se Secretário Geral da "A.C.M. Estudantil", e presidente do "Movimento Voluntário Estudantil para as Missões Estrangeiras". Mais tarde, tornou-se Secretário Geral, nos Estados Unidos, do "Comitê Internacional da A.C.M.", fundado em Genebra, Suíça, em 1878.

John R. Mott era realmente um homem notável. A sua vida pessoal foi uma vida de exemplar virtude cristã, enquanto que o seu zelo pelo bem das almas e a energia com que se dedicou à causa de Cristo como ele a entendia, não podem senão merecer a mais alta admiração de todos sem exceção. Tivesse tido a fé católica, e poderia ter vindo a ser outro Francisco Xavier.

Dotado de uma visão igual ao seu devotamento pessoal, desde o começo ele avaliou a importância do mundo estudantil, e em Cornell persuadiu homens de todas as denominações protestantes a juntar-se à sua "A.C.M. Estudantil". Desta ele passou à organização de Departamentos Estudantis da "A" em todas as Universidades, Colégios e Seminários Teológicos não-católicos. Encontrando relutância da parte de muitas instituições luteranas e episcopais, trouxe para os Estados Unidos "leaders" religiosos alemães e ingleses a fim de trabalharem entre eles e vencerem a oposição, sendo que os esforços deles lograram êxito sem precedentes. Então ele se aplicou a ganhar até mesmo os católicos que freqüentavam Universidades e Colégios não-católicos, e induziu também muitíssimos deles a alistar-se na "A".

O seu zelo, entretanto, ainda não estava satisfeito. Em 1889 intensificou um programa de expansão estrangeira, e tanto o "Movimento Estudantil Cristão" como a "A.C.M." deveram o seu estabelecimento em muitas terras à inspiração e dedicação dele.

Em tudo isto, nunca, nem por um momento, ele perdeu de vista os seus ideais missionários estrangeiros em favor da religião. Sob a sua influência, muitas Conferências de Verão da A.C.M. nos Estados Unidos foram quase completamente identificadas com a causa missionária, contribuindo com homens e dinheiro para diferentes missões protestantes no Japão, Índia e Brasil. À luz de tudo isto, não é de admirar que John R. Mott fôsse escolhido para Presidente da Conferência Missionária Mundial de Edimburgo, em 1910. Homem profundamente religioso, não tinha entretanto "consciência de Igreja", e, por isto, pouco cuidava de se esta ou aquela Igreja pregava Cristo, enquanto Cristo fôsse pregado. Mas herdara uma visão protestante sobre religião, e não conhecia outra. E, profundamente sincero como era, não enxergava os princípios de indiferentismo latentes no seu sistema de Cristianismo não-dogmático.

A sua ambição quanto à própria A.C.M. era que ela deveria estabelecer em cada país do mundo instituições indígenas que se dirigissem por si mesmas, se mantivessem por si mesmas e por si mesmas se propagassem; programa que, como veremos, levou a infindas complicações.

Hoje há para mais de 15.000 Associações Cristãs de Moços em 60 países diferentes, com mais de 3 milhões de membros; e a organização pode ser definida como uma Associação mundial leiga interdenomina-

cional, com um bem definido e efficientíssimo programa de atividades religiosas, intelectuais, físicas e sociais.

CARÁTER RELIGIOSO DA A.C.M.

George Williams e seus associados originariamente haviam formado a A.C.M., em 1844, principalmente para o fim de oração em comum e estudo da Bíblia, e para alistar outros moços de mentalidade religiosa numa cruzada em pró da extensão do Reino de Cristo, de acôrdo com as idéias evangélicas protestantes sobre o que êsse Reino pretendia ser.

Onze anos depois, as já mencionadas "Bases de Paris" definiram a atitude oficial da Associação, que devia ser sobretudo uma fôrça religiosa e missionária; e até hoje tal é o objetivo primário da organização.

Assim, a "Encyclopaedia Americana" explica: "A sua obra principal é religiosa, tendo o sistema quatro característicos: 1) Reuniões religiosas, principalmente evangélicas; 2) Trabalho pessoal para indivíduos que, mediante entrevistas individuais, procuram ganhar a gente mōça para a vida cristã; 3) Estudo da Bíblia, que procura organizar a gente mōça dentro de seções bíblicas para a sua educação religiosa; 4) Missões, que constituem um esforço para interessar a gente mōça no estudo e apoio da Associação em terras não-católicas".

A finalidade fundamental, é, portanto, religiosa; e tudo o mais deve ser a ela subordinado. A despeito disto, a A.C.M. tem sido freqüentemente representada como um centro cultural, provendo à melhoria intelectual e física dos cidadãos jovens, e oferecendo-lhes recreação sadia num ambiente decente. E pode ser verdade que alguns ramos individuais não tomem a sério

as obrigações religiosas, tornando-se pouco mais do que clubes seculares e sociais. Mas estas são exceções raras, falsas aos ideais da Associação, e tal estimativa não pode ser aplicada á organização como tal.

Na Austrália, em 1926, o Comissário Federal de Taxação decidiu que os edifícios da imensa cidade da A.C.M. eram realmente hotéis, fornecendo quartos alugados para viajantes e mantendo restaurantes utilizáveis pelo público, e que portanto ela não podia reclamar a isenção de taxaço concedida a institutos religiosos. Funcionários da A.C.M. acionaram o Comissário por meio dos tribunais, insistindo em que a sua Associação, embora não filiada a nenhuma das Igrejas reconhecidas, era realmente um "Instituto Religioso", provando com evidência documentária que ela fôra fundada primariamente para fins religiosos, e obtendo da Alta Côrte da Austrália um veredito para êsse efeito, e que os seus prédios eram isentos de taxaço (Y.M.C.A. v. Fed. Commr. Taxn. (1926) 37, Com. Law. Reps. 351).

Na América, em 1950, o Conselho Nacional pode ter parecido emprestar colorido á sugestão de que a A.C.M. estava perdendo de vista o seu objetivo original e religioso, pelo empenho que punha em obras sociais e pela tarefa de criar apenas um espírito de sadia e responsável cidadania. Porém êsse próprio Conselho acrescentou, sem acentuá-lo, que a finalidade cristã era suprema e devia ser o motivo para tudo o mais.

De fato, cada insinuação de um declínio da plataforma religiosa original tem acarretado reação imediata. A A.C.M. deve reafirmar-se sempre como uma corporação cristã militante, nunca se permitindo degenerar em mero clube. Isto tem sido proclamado uma e mais vêzes em documentos oficiais e em resoluções

de Convenções, quase tão regularmente como estas têm sido realizadas.

Daí se segue que tôdas as várias atrações sociais e culturais não constituem fins em si mesmas. São meios para atrair os moços — e meios ótimos —, na esperança de que, do número dêles, novos membros possam ser recrutados e levados à instrução religiosa, conversão e zêlo apostólico. Normalmente, os que têm a seu cargo os diferentes departamentos são homens “de encomenda”, homens de natureza profundamente religiosa que consagraram suas próprias vidas a Cristo e estão no caso de proporcionar, embora prudente e discretamente, auxílio espiritual a todos, fazendo uso das facilidades disponíveis.

Aqui posso falar por experiência, pois, como moço grandemente interessado em cultura física, freqüentei o ginásio local da A.C.M. Embora ainda não sendo “membro associado”, fui autorizado a fazê-lo, por uma pequena contribuição, como visitante apenas. Religiosamente, eu era protestante, embora de modo algum praticante. O nosso instrutor era um excelente ginasta. Quase monòtonamente a alta equipe da “A” por êle treinada ganhava tôda competição ginástica em que entrava; o que significava que aspirantes de tôda sorte procuravam matricular-se nas aulas dêle. Mas êle era um mestre consumado na arte de estimular ulterior interêsse pelas atividades religiosas da instituição, e até hoje eu lhe admiro o zêlo, a despeito de lhe haver tão mal correspondido. Aos recém-vindos eram dados folhetos mostrando as horas em que tinham lugar as aulas de Bíblia, ou em que seriam feitas alocações espirituais e efetuadas reuniões de oração. Se não tivessem efeito, deveriam ser-nos feitas insinuações de que êstes eram característicos regulares a que a A.C.M. esperava que atendêssemos;

e era mesmo explicitamente sugerido que éramos bem-vindos se vínhamos em busca das vantagens da influência cristã que poderíamos receber, ao passo que, se tivéssemos em vista somente as atrações culturais proporcionadas, podíamos com a mesma facilidade obtê-las em qualquer outro lugar. Afinal, transferi-me para um Clube Metodista de Moços que tinha um excelente ginásio com todo o equipamento necessário à disposição dos seus membros, mas onde a religião nunca era mencionada.

De tudo isto resulta claro que ninguém pode sinceramente negar que a A.C.M. seja uma corporação religiosa. Porém mais alguma coisa deve ser dito sobre a espécie de religião a que ela é destinada.

ESSENCIALMENTE PROTESTANTE

A religião da Associação Cristã de Moços desde o começo pretendeu ser protestante. Os fundadores foram protestantes, e só pensavam em termos do Protestantismo que conheciam. Aceitavam o princípio de Chillingworth, de que "a Bíblia, e só a Bíblia, é a religião dos Protestantes". E o estudo da Bíblia devia ser o meio principal da instrução religiosa.

Em 1868, a Convenção Internacional em Detroit, E.U.A., reafirmou que o contrôle e direção da Associação devia ficar nas mãos dos que "testificassem a sua fé fazendo-se e permanecendo membros de igrejas consideradas evangélicas, e que só tais pessoas, e nenhuma outras, deveriam ter permissão para votar ou exercer função".

No seguinte ano de 1869, isto foi endossado por uma Convenção em Portland, e tornou-se conhecido como a "Prova de Portland" ou "Prova Evangélica". Ademais, em grupos locais devia haver duas classes

de membros, membros "plenos" e membros "associados". Os primeiros deviam constar somente de Protestantes cujas vidas eram inteiramente dedicadas a Cristo, e só de entre estes deviam ser escolhidos funcionários que garantissem manter o caráter e missão evangélica da Associação. A última classe estava aberta a quaisquer outros, protestantes não convertidos, ou mesmo Católicos e Judeus. Estes podiam valer-se dos privilégios mediante pagamento de contribuições como membros "associados", mas sem serem investidos nas responsabilidades da associação plena.

Embora esta distinção ainda seja mantida em muitos lugares, tem sido difícil mantê-la universalmente. Pode ela ser o ideal, mas tem sido impraticável. Para contorná-la, uma Convenção Norte-Americana declarou, em 1931, que a A.C.M. realmente visava a "uma agremiação mundial de homens e rapazes unidos pela comum lealdade a Jesus Cristo, com o fim de construir a personalidade cristã". Isto ignorava a "Prova Portland", porquanto, segundo esta, os católicos podiam ser agregados, e admitidos à associação plena. O texto da resolução causou, portanto, grande dose de ressentimento, e ocasionou muitos protestos da parte daqueles que insistiam em que a associação plena deveria ser limitada a homens pertencentes somente a Igrejas protestantes.

Sem embargo, a decisão manteve o seu terreno em alguma extensão, de modo que a Convenção de Massachusetts e Rhode Island, em 1951, assinalou-se pela resolução de que não somente os Católicos, mas até mesmo os Judeus, podiam ser admitidos como membros plenos com direito a voto, embora não devessem ser elegíveis para postos de contróle. Os que estivessem em função eram obrigados, ainda, a manter a finalidade cristã do instituto e a trabalhar com Igre-

jas Protestantes sòmente, permanecendo a própria A.C.M. indenominacional, ou, antes, interdenominacional.

Religiosamente, portanto, e em base mundial, a Associação continua sendo uma organização protestante. Em matéria de fato, em países estrangeiros não-cristãos, tais como Índia, China e Japão, onde quer que é estabelecida, ela é considerada simplesmente como uma missão das Igrejas evangélicas, tal e qual como as fundações estabelecidas pela Congregacionalista "London Missionary Society" ("Sociedade Missionária de Londres").

RELAÇÕES COM AS IGREJAS

Não se deve pensar que, pelo fato de deverem os funcionários ser "de igrejas consideradas evangélicas", a própria A.C.M. deva estar ligada a qualquer Igreja Protestante particular.

Os fundadores tinham agido como indivíduos que haviam sido "pessoalmente convertidos a Cristo". Contentavam-se com dedicar-se à leitura da Bíblia e à oração. Eram protestantes, sim; mas sentiam pouca necessidade de qualquer Igreja. Sem dúvida iam à igreja para fins de culto público. Mas a sua organização era própria, e inteiramente independente de influência de Igreja. E, por todo o século dezenove, à medida que o empreendimento cresceu, não se interessou muito por quaisquer relações com Igrejas.

Todavia, depois da 1ª Guerra Mundial, teve lugar uma notável mudança. Buscando expansão, a A.C.M. achou impossível prestar os serviços espirituais e sociais que desejava, sem a cooperação das Igrejas nos países em que ela precisava trabalhar. Por isto êles entraram em relações amistosas de qualquer modo a êles aber-

tas, a fim de obterem o auxílio das Igrejas na sua obra em pró da mocidade. Contudo, ainda aqui eles não tinham nenhum desejo de servir as Igrejas. As Igrejas é que deviam servi-los.

Na Alemanha, Noruega e Dinamarca, as A.C.M.'s tornaram-se praticamente organizações de paróquia; isto é, as Igrejas organizavam-nas como sociedades paroquiais de juventude; mas, embora estreitamente relacionadas com as Igrejas Luterana e Calvinista, essas sociedades não formavam parte orgânica destas. Ficavam sob o controle do Comitê da A.C.M. Internacional, ao qual eram filiadas.

Na América, também, embora não entrando em relações tão estreitas como as que acabamos de mencionar, a A.C.M. procurou definitivamente a cooperação das Igrejas Protestantes. Ainda uma vez, a Associação é classificada como uma das "Maiores Aliadas" do Conselho Mundial das Igrejas, muitos membros do qual devem a sua "inspiração ecumênica" à visão interdenominacional que adquiriram mediante o contato com ela; e até hoje a A.C.M. é "membro consultivo" do Conselho Mundial, embora não possa participar como "Igreja" das deliberações dele.

A verdade é que o espírito da "A" persiste basicamente um espírito de individualismo protestante. No seu livro "The Church of England and Reunion", "A Igreja da Inglaterra e a Reunião", o Dr. H. L. Goudge descreve este aspecto, dizendo: "Nós somos individualistas congênitos, e excessivamente avessos a reconhecer a nossa dependência para com outros. Inculca-se-nos óbvio que a nossa religião está inteiramente ligada com a nossa relação individual para com Deus, e que outros não têm que ver com ela... Pensamos de Deus como do Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, e de todos os que crêem em Cristo e o seguem... Esta

concepção da nossa situação... tem sido tão largamente aceita pelos Protestantes, que quase pode ser descrita como o modo de ver protestante. Na sua forma extrema ela acarreta como que uma aversão a ligar qualquer importância à Igreja... O nosso arraigado individualismo não está realmente superado... Tornamo-nos membros de Cristo — assim pensamos — só pela nossa fé individual; e então nos ligamos a alguma corporação cristã, numa associação livre que podemos dissolver quando quisermos” (pp. 61, 62).

Muitos clérigos protestantes que aconselharam os seus moços a associar-se à A.C.M. verificaram com tristeza o minguante interesse deles pela sua Igreja, e a sua quase completa absorção nas atividades da A.C.M., satisfeitos com o estudo da Bíblia e com as reuniões de oração que a Associação lhes proporciona.

Chegamos, portanto, à conclusão de que a A.C.M. é uma corporação religiosa, de caráter protestante, mas essencialmente destinada a permanecer desligada de qualquer das Igrejas organizadas.

SOB CONTRÔLE LEIGO

Isto leva a um aspecto ulterior e muito importante do nosso estudo. A A.C.M. é, por sua própria natureza, uma organização leiga. E' primariamente uma associação de cristãos leigos dirigida por leigos. Está determinada a não ficar, de maneira alguma, sujeita a contrôles eclesiásticos, e não tolerará intervenção clerical nos seus negócios. Inculca uma espécie de temor de “eclesiasticismo” de qualquer sorte. Pretende ser um movimento voluntário independente de tôdas as Igrejas como eclesiasticamente organizadas, sem exceção.

O Comitê Mundial, na sua Conferência de Nyborg Strand em 1950, assentou a sua aprovação a essa independência na seguinte resolução: "O Comitê Mundial nota com profunda satisfação que, em virtude do seu caráter leigo, a A.C.M. está alistando com êxito no seu corpo associativo moços e rapazes de tôdas as confissões cristãs".

Aqui surge o grande dilema para a A.C.M. Muitos membros absolutamente não se sentem muito felizes com as relações dela com o Conselho Mundial das Igrejas. Receiam que as crescentes atividades do Conselho Mundial das Igrejas na obra da juventude vi- rão a interferir sèriamente com a dêles, e que a constituição eclesiástica das várias Igrejas pode restringir a influência da corporação não eclesiasticamente organizada, que para êles é mais importante do que qualquer Igreja.

Contudo, apesar das dúvidas, a A.C.M. em geral tem acolhido e apoiado o Conselho Mundial das Igrejas, sentindo que, ao menos numa base consultiva, êle tem uma contribuição a trazer ao movimento ecumênico tendente à unificação dos cristãos. Ela se gaba mesmo de ter uma missão peculiar de abrir caminho ao avanço ecumênico entre os católicos, sobretudo em países católicos e nos Estados Unidos da América.

Aqui, todavia, surge a outra ponta do dilema. Muitas autoridades da A.C.M. não estão nada satisfeitas com a situação nos países católicos. Avaliam a imensa dificuldade da fiel adesão aos objetivos básicos da A.C.M. pelos católicos, os quais, em matéria religiosa, não podem permanecer católicos declarando independência para com a autoridade eclesiástica.

Deve a Associação progredir em países católicos? Se sim, isso só pode ser ao preço de se tornar uma Associação religiosamente católica, ou então meramen-

te um clube não religioso, cujos membros não terão nada que fazer do protestantismo que a A.C.M. existe para promover, mas que aceitam os ensinamentos e obrigações religiosas a eles ensinados pela sua Igreja. Neste caso, com o seu objetivo primário perdido, a A.C.M. cessaria de ser ela mesma em tais localidades, conservando apenas o título, e não mais do que uma adesão nominal à Aliança Mundial.

A minguia disto, a alternativa é que os católicos que a ela se unem devem estar preparados para abandonar a sua religião, aceitando ou um Protestantismo acorde com uma ou outra das Igrejas evangélicas, ou um Protestantismo de índole vaga e completamente indenominativa, senão de positivo anticlericalismo.

Esta última posição surgiu nas Ilhas Filipinas, onde, em 1951, escrevendo na edição de julho dos "Moços Filipinos", o Dr. Isidro Panlasagui disse: "A A.C.M. no nosso país deveria tomar a iniciativa... de desenvolver... a verdadeira consciência religiosa — verdadeira vida cristã, não meramente vida de igreja que na melhor das hipóteses é fanática, beata e farisaica".

Este é o resultado lógico de se procurar manter uma organização professamente religiosa sob exclusivo controle leigo, e totalmente independente de qualquer autoridade eclesiástica, seja qual fôr.

Desnecessário é dizer que a Igreja Católica não poderia tolerar a aceitação, pelos seus moços católicos, de um anticlericalismo tão definido e acerbo, e em 1953 o Arcebispo Rosales, de Cebu, nas Filipinas, impôs excomunhão a quaisquer católicos que se juntassem à A.C.M. Filipina. Mas os ministros protestantes devem estar igualmente pouco satisfeitos com os desenvolvimentos ali verificados, com o manifesto desprezo pela vida eclesiástica em geral, o que não pode senão afetar as suas próprias denominações. E

nem se pode imaginar que o Comitê Internacional da A.C.M. também esteja satisfeito com a posição adotada pelo Dr. Panlasagui e por outros funcionários da Associação nas Filipinas.

A verdade é que não pode haver solução para este problema enquanto a A.C.M. ficar sendo o que é, e a Igreja Católica também ficar sendo o que é; e a Igreja Católica certamente não vai deixar de ser a Igreja Católica, por muitas que sejam as defecções que a "A" possa, com êxito, conseguir nesta ou naquela localidade.

A posição extrema que surgiu nas Filipinas não deve surgir semelhantemente nos Estados Unidos. E' difícil imaginar que a filiação à A.C.M. inspire um católico americano, ao menos diretamente, a desenvolver desprezo e hostilidade para com a sua própria Igreja. Mas, indiretamente, e com o correr do tempo, tal atitude poderia resultar de uma perda da fé católica, que sem dúvida ainda está ameaçada sob muitos outros pontos de vista.

SEMPRE UM PERIGO

Nos E.U.A., como no Brasil, os dirigentes da A.C.M. desejam estender o ramo de oliveira aos católicos, entrando em relações amistosas com eles e oferecendo-lhes o uso das suas facilidades não só na base de simples "associado", porém mesmo, como vimos, numa base de membro "pleno".

Mas o católico que tal aceita corre o perigo real, ainda que sutil, de um indiferentismo religioso que pode findar numa completa perda da fé. Pode ser que uma hostilidade real para com a sua Igreja não seja diretamente gerada nos católicos pela sua agregação à "A". Mas eles não podem fugir ao constante impac-

to, sôbre as suas mentes da prevalente convicção de outros membros, de que nenhuma Igreja realmente importa.

Esta atitude é um legado desde o comêço da organização. Quando discutia com outros moços, na loja de tecidos, a fundação da A.C.M., George Williams, o originador do movimento, disse: "Aqui estamos, um Episcopaliano, um Metodista, um Batista e um Congregacionalista — quatro crentes, mas uma só fé em Cristo. Avante juntos!"

Aquêles moços eram indiferentes a quaisquer formas específicas de doutrina, culto ou disciplina consideradas como essenciais pelas "Igrejas", e a "fé única" que êles professavam em Cristo era pouco mais do que um apêgo sentimental a Ele, expresso pela leitura da Bíblia e pela oração, juntamente com o desejo de viver de acôrdo com (indefinidas) normas cristãs de proceder. A ênfase era sôbre a conduta, e não sôbre o credo. Êles queriam um "modo de vida" divorciado do dogma e do ritual, os quais podiam ser deixados às Igrejas.

Êsse espírito permeia a A.C.M. até hoje. Um ótimo môço católico pode começar fazendo uso das facilidades da Associação. E' atraído pelas atrações sociais; alia-se a ela por causa do ginásio ou da piscina: acha-se impressionado com os companheiros decentes com que entra em contacto; vê-se arrastado a várias funções inofensivas de natureza não-religiosa.

Não pode haver abordagem direta de proselitismo. Podem-lhe dizer que não importa a qual Igreja êle pertence. Mas freqüentíssimamente é criada a impressão de que não importa se êle também não pertence a nenhuma Igreja. Mais cedo ou mais tarde o nosso môço católico acha-se freqüentando aulas sôbre as-

suntos científicos, filosóficos, teológicos ou morais, nas quais vem a ficar sob a influência de uma força evangelizadora protestante. Há tãda a possível diferença no mundo entre as idéias que agora são postas diante dêle, e as da sua religião católica. Materialismo científico, agnosticismo filosófico, tãda espécie de aberrações doutrinárias, e normas éticas em assuntos maiores, tais como divórcio, contrôle da natalidade, eutanásia, abôrto, cremação, jôgo, proibição antes que moderação na bebida, filmes, leitura de literatura "best-selling" altamente recomendada mas moralmente duvidosa — tãdas essas coisas lançam as sementes da dúvida sôbre o "modo de vida" católico em confronto com o dêsses, afinal de contas, "bons" não-católicos.

Imerso em tal atmosfera, a sua lealdade às crenças e princípios católicos começa a fenecer. Êle se lhes torna indiferente, e gradualmente perde a fé, talvez graduando-se desde um católico decaído até um inimigo militante da Igreja que dantes êle tanto amava e à qual era tão fiel.

Mesmo se o pior não acontece, é pura ilusão para qualquer católico o imaginar que ficará sendo exatamente tão bom católico como antes, depois de se haver aliado à A.C.M. O seu espírito de fé não tardará a ser diferente daquilo que era. A sua piedade será desviada das puras linhas católicas para falsos canais protestantes. As suas obrigações especificamente católicas significarão cada vez menos para êle. Êle se tornará negligente em receber os Sacramentos. Não tardará a se achar faltando à Missa intermitentemente, e finalmente abandonando-a totalmente. O católico que foi membro da A.C.M. por certa extensão de tempo e ainda é ardoroso em promover os interesses dela, cheio de zêlo para ganhar tantas outras almas quanto possível, êste simplesmente não existe.

ATITUDE OFICIAL DA IGREJA

Fiel à sua missão como a única verdadeira Igreja de Cristo fundada sobre os Apóstolos e divinamente incumbida de ensinar a todas as nações a religião de Deus revelada, a Igreja Católica sempre tem sustentado que é pecaminoso adotar ou sancionar, por qualquer forma, a idéia de que uma religião é tão boa como outra, e de que não importa a que Igreja alguém pertence, se pertence a alguma.

Ademais, ela sempre ensinou que os seus membros são seriamente obrigados a evitar as ocasiões de pecado em geral, e especialmente qualquer perigo deliberado para o grande dom da sua fé católica, a qual é a verdadeira "substância das nossas esperanças e a convicção das invisíveis realidades eternas" (Heb 11, 1). Por estas razões ela proíbe a seus filhos tomarem qualquer parte ativa em movimentos religiosos fora do próprio redil dela.

Desde a reforma protestante do século XVI, muitos movimentos religiosos não católicos dessa espécie têm surgido. Nem todos assumiram a forma de Igrejas dissidentes. Muitos consistiram em associações leigas de homens de pendor religioso que têm trabalhado sobre princípios basicamente inadequados e falsos, por eles equivocadamente, se sinceramente, acreditados como genuinamente cristãos. E a Igreja Católica teria faltado ao seu dever se consistentemente não pusesse seus membros em guarda contra a participação ativa em tais movimentos.

Tomaria muito tempo citarmos todos os relevantes documentos e decretos versantes sobre esta matéria. Mas, em 1884, o Papa Leão XIII publicou o aviso geral de que, além das já muitas vezes condenadas Lojas Maçônicas, há outras sociedades que não se

pode dizer tenham qualquer ligação com a Franco-Maçonaria, mas que, sem embargo, constituem um perigo para os católicos e são proibidas a estes pela razão do fim para que foram estabelecidas e da maneira de contrôlê delas.

Finalmente, o Código Católico de Direito Canônico, no cânon 684, deu uma sucinta definição da posição que os católicos são obrigados a adotar, declarando que eles "devem ter cuidado com associações que são secretas, condenadas, sediciosas ou suspeitas; ou que procuram fugir à legítima inspeção da Igreja".

Esta lei não se destina a veicular um mero aviso. E' uma proibição positiva. E a única questão que surge onde quer que a A.C.M. está em causa é a de se ela constitui ou não uma das espécies de sociedades aí mencionadas.

Certamente podemos afastar as três primeiras. A A.C.M. não é uma sociedade secreta, cujos membros são obrigados por juramento a ocultar das autoridades legais civis ou eclesiásticas, os nomes dos seus chefes, constituições e atividades. Nem é uma sociedade "formalmente condenada", sob pena de excomunhão, como é a Franco-Maçonaria; embora isto necessariamente não signifique não ser ela uma sociedade proibida, e mesmo sob pena de pecado grave. Também, a A.C.M. não pertence à terceira categoria de sociedades proibidas; a saber, as sediciosas. Não é um movimento subversivo, implicando em conjuras e planos para derrubar os legítimos governos civis ou quaisquer formas de autoridade eclesiástica.

Verdade é que, a 15 de outubro de 1947, três funcionários do Queens Branch da sociedade congênere, a A.C.M., em Nova York, publicaram o fato de haverem resignado, declarando dois deles que a administração nacional da A.C.M. estava "infetada de Co-

munismo". Também, um ano depois, a 22 de novembro de 1948, o Comitê das Atividades Não-Americanas em Washington acusou tanto a A.C.M. como a A.C.F. de corromperem a religião nos Estados Unidos e de "influenciarem o pensamento e a ação para fins comunistas". Porém, mesmo concedida a verdade de tais alegações, ter-se-ia de estigmatizar os envolvidos em tais atividades como culpados de um abuso inteiramente em discordância com o espírito e as constituições das Associações, absolvendo as Associações como tais.

Todavia, há duas especificações restantes no Cânon 684 para as quais devemos olhar mais de perto. São proibidas aos católicos sociedades "suspeitas", e também sociedades que procuram, não propriamente conspirar contra a Igreja, mas "fugir à sua inspeção legal".

Uma sociedade é "suspeita" aos olhos da Igreja Católica se a fé ou a moral dos católicos que se lhe juntam são postas em perigo pelo indiferentismo religioso que ela fomenta, ou pelos seus ensinamentos e atividades, ou pela influência dos seus outros membros. E à luz de tudo o que foi dito na nossa discussão sobre ela, não pode haver dúvida de que a A.C.M. incide nesta categoria. Além de que ela indubitavelmente foge à inspeção legal da Igreja Católica em assuntos pertinentes ao bem espiritual dos seus súditos.

Uns quarenta anos atrás, antes da promulgação do presente Código do Direito Canônico, o Revmo. Dr. Corbett, Bispo de Crookston, Minnesota, publicou uma carta pastoral sobre a A.C.M. Muita coisa do que êle disse era aplicável então, mas deixou de o ser agora, devido a modificações das regras e regulamentos da própria A.C.M. Porém muita coisa do que êle dis-

se ainda é aplicável, sobretudo a sua injunção contra a pertença à Associação.

Escreveu êle: "A A.C.M. é essencialmente uma instituição protestante... Jovens católicos não podem, pois, sofrer serem embaídos por uma organização por causa de vantagens atléticas ou educacionais, de posição, ou de condição social... Cessem êles, pois, de aderir a uma Associação que eventualmente lhes roubará a sua fé. Que eu saiba, nenhum católico já se tornou membro permanente da A.C.M. sem se tornar tíbio na sua fé, e finalmente descer tão baixo a ponto de abandonar a única e verdadeira Igreja dos seus avós. Os católicos que aderem a essa organização logo imaginam que uma religião é tão boa como outra, e que a A.C.M. é a melhor de tôdas".

Em 1920, dois anos depois da promulgação do Código de Direito Canônico, o Papa Bento XV, por intermédio do Santo Ofício, não somente designou a A.C.M. expressamente pelo nome como uma das sociedades "suspeitas" de acôrdo com o Cânon 684, como também declarou-a uma das sociedades mais perigosas das que incidiam nessa categoria. Numa carta-circular, a 5 de novembro de 1920, o Santo Ofício louvou o humanitarismo e a obra de bem-estar social da Associação, mas disse que o seu caráter protestante e a sua influência religiosa tornavam repreensível a adesão dos católicos.

"Entre essas sociedades", declarava a carta, "basta mencionar uma que é, por assim dizer, a mãe de tôdas as outras, estando, como está, extremamente difundida (especialmente devido à sua valiosa obra de alívio durante a guerra), e apoiada por imensos recursos, a saber: a Associação Cristã de Moços ou A.C.M. Ela tem o apoio indistinto não só de não-católicos bem intencionados que a julgam salutar a

todos, como também de alguns católicos fáceis que são cegos para a verdadeira natureza dela. Ela proclama o seu sincero amor da juventude, como se não tivesse a peito nada mais do que servir ao bem-estar corporal e mental dela; mas ao mesmo tempo lhe debilita a fé, sob o pretêxto de purificá-la e de lhe dar um melhor conhecimento da verdadeira vida "acima de qualquer Igreja e independentemente de qualquer credo religioso".

A carta conclui, pois, concitando os Bispos Católicos de tôda parte "a resguardarem cuidadosamente a mocidade do contágio de tais sociedades", e a combinarem entre si, em reuniões regionais, as medidas convenientes para enfrentar a situação.

Em 1952, as autoridades da Ação Católica na Itália publicaram uma declaração recordando a todos os Católicos que a adesão à A.C.M. devia ser por êles considerada como proibida, em virtude do Cânon 684 do Código de Direito Canônico, e também da decisão do Santo Ofício de 5 de novembro de 1920. Elas não diziam que a adesão era meramente "desaconselhável", mas era positivamente proibida.

Alguns escritores católicos, adotando vistas brandas, haviam sustentado que, embora a A.C.M. seja oficialmente declarada pela Igreja uma sociedade "suspeita", sòmente uma advertência geral contra ela aí se entende, e não uma proibição de adesão da parte dos católicos *sob pena de pecado grave*.

Se esta interpretação fôsse aceita, os católicos normalmente não cometeriam pecado grave, nem perderiam o direito aos Sacramentos, pelo fato de se fazerem e de persistirem membros da A.C.M. Isso só se daria em casos particulares e excepcionais em que o Bispo local declarasse que as unidades que operam na sua própria diocese constituem positivo perigo pa-

ra os católicos, e publicasse uma proibição formal obrigando todos os católicos sujeitos à sua jurisdição.

Meus próprios estudos e experiências forçaram-me a discordar dessa interpretação, e a sustentar que exatamente o contrário é que é verdade. Isto é, normalmente é *gravemente pecaminoso* para um católico aderir à A.C.M. Só excepcionalmente poderia um católico tornar-se membro dela sem cometer pecado grave, a saber: naqueles lugares particulares onde o Bispo aprova tal adesão, ao menos tácitamente, sob a convicção de ser desprezível o perigo para a fé dos católicos naquela localidade precisa, e de modo algum serem eles afastados da legítima supervisão da Igreja em tudo aquilo que entende com as crenças e atividades religiosas.

Essa situação excepcional poderia surgir em países católicos onde o corpo associativo é esmagadoramente católico, e onde a instituição se tornou praticamente um clube católico, sendo inteiramente ignorado o objetivo primário da formação religiosa protestante dos aderentes. Semelhante unidade, entretanto, já não seria uma "Associação Cristã de Moços" no sentido original do termo, isto é, um ramo ativo de uma organização fundada, sob auspícios protestantes, para a maior difusão do Protestantismo.

Contudo, mesmo nesses casos excepcionais a participação dos católicos na A.C.M. apenas poderia ser tolerada, mas não recomendada. Porque cada unidade dessas, simplesmente por trazer o nome, ajudaria a aumentar o prestígio de uma Organização Internacional operante em toda parte como uma ardorossíssima agência de proselitismo em favor do protestantismo em outros países católicos. Presumivelmente, também, a filiação à Aliança Mundial envolveria contribuições financeiras para tal obra.

O Episcopado Brasileiro no decreto 146 do Concílio Plenário Brasileiro (1939) vedou aos católicos a participação e o apoio à A.C.M.

ÚLTIMAS MODIFICAÇÕES

E' simplesmente justo mencionar aqui as últimas modificações que aos funcionários internacionais da A.C.M. aprouve fazer, embora com muitos ressentimentos entre os membros protestantes soldados rasos pelo mundo afora, e protestos dêles. E' uma história complicada.

A I Guerra Mundial trouxe à A.C.M. uma oportunidade áurea, da qual ela tirou proveito com imenso zelo e generosidade. Ajuda material para os soldados foi pródigoamente desembolsada, mas sempre com o objetivo principal em vista, o bem-estar religioso dos homens. Sob os auspícios da A.C.M., para mais de 200 clérigos protestantes americanos foram enviados para atender às necessidades dêles, e estavam munidos de uns 5 milhões de exemplares do Novo Testamento para distribuição. Barracas "A" eram usadas para serviços protestantes, para aulas de Bíblia e auxílio espiritual pessoal aos homens, sempre que a ocasião se oferecia.

Após a conclusão da guerra em 1918, a A.C.M. continuou as suas atividades, ajudando no trabalho de reconstrução da Europa tôda. E aqui ela viu uma "chance" para penetrar nas fileiras dos povos orientais ortodoxos e católicos. Os seus emissários eram ardentes missionários em favor da sua concepção "evangélica" do Cristianismo. Eram sinceros. Pensavam realmente que na Polônia e na Áustria, na Hungria e na Itália, e através dos Balkans, êles eram os portadores da luz do Evangelho àqueles que tinham estado assentes nas trevas e na sombra da morte.

Juntamente com a distribuição de alimento e vestuário eles trabalhavam, para converter ao Protestantismo os simples camponeses europeus, destituídos e morrendo de fome. E o ressurgimento do zêlo missionário inspirou a retaguarda da A.C.M. nos E.U.A. a intensificar a obra evangelizadora nos países da América Latina, e mesmo a empreender campanhas para o recrutamento de membros católicos da Associação na própria "frente doméstica".

A Igreja Católica não podia ficar silenciosa em face de tal proselitismo, por mais bem intencionado que êle fôsse. Daí a solene advertência contra as atividades religiosas da A.C.M. entre os católicos, publicada pelo Papa Bento XV a 5 de novembro de 1920. E essa advertência foi seguida de uma onda de protestos em estilo semelhante, formuladas pelos Bispos católicos desde a Polônia até a Itália, desde o Peru até o Canadá, e nos próprios Estados Unidos.

A aproximação aos católicos suscitou um problema particular para a A.C.M.: se a "Prova Evangélica" para a agregação devia ser aplicada, a única coisa a fazer era converter os católicos ao protestantismo primeiramente, e depois admiti-los à Associação. A alternativa era suspender a "Prova Evangélica", admitir os católicos como católicos, e depois tentar convertê-los ao Protestantismo dentro do instituto. Êste último processo foi julgado mais praticável. Mas, quando foi tentado no Peru, prontamente ocasionou uma Carta Pastoral do Arcebispo de Lima, em janeiro de 1921, proibindo aos católicos peruanos terem qualquer ligação com a A.C.M., por causa das suas atividades proselitistas. Em abril do mesmo ano de 1921, o Arcebispo Bruchesi, de Montreal, denunciou atividades semelhantes no Canadá. E já vimos como o Bispo Cor-

bett, de Crookston, Minn., se manifestara anteriormente nos Estados Unidos.

Sentindo que estavam dando contra uma muralha, as autoridades internacionais da A.C.M. decidiram que, ao menos em terras não protestantes, a sua Associação nunca fariã qualquer avanço real a não ser abolindo a "Prova Evangélica". A experiência nos países balcânicos ortodoxos convenceu os funcionários de que fundações indígenas não tinham esperança de permanência a não ser instituídas dentro de moldura ortodoxa. Por isto, no ano de 1930 a Aliança Mundial, sob a presidência de John R. Mott, resolveu que em países predominantemente ortodoxos a A.C.M. deveria ser dirigida em harmonia com os princípios ortodoxos e em consulta com os dirigentes ortodoxos. Este passo não foi sem êxito, mas foi às expensas do caráter estritamente protestante da Associação da Grécia, Bulgária e Romênia, e em tôda parte no Oriente Médio; e isto para mágoa de muitos membros protestantes da A.C.M. pelo mundo afora.

Todavia, o compromisso de toma-fá-dá-cá aceito pelas Igrejas Ortodoxas Orientais provou-se inteiramente inaceitável pela Igreja Católica; e pouco ou nenhum progresso foi feito entre os membros dela. Mas a A.C.M. não perdeu a esperança. Veio a II Guerra Mundial, e novamente a A.C.M. prestou magnífico serviço aos combatentes, e o seu prestígio e expansão cresceu correlatamente. Novos esforços se seguiram para ganhar os católicos para o seu redil.

Para tornar isso mais fácil aos católicos, e ao mesmo tempo para aplacar os seus membros protestantes, a Aliança Mundial lançou, em 1944, certos princípios básicos que julgou necessários para futuro êxito.

Declarou: 1) A organização deve ser leal ao seu propósito dominante, como sendo uma Associação *Cristã de Moços*; 2) Esse propósito deve permear toda a sua obra; 3) A Associação deve ser adaptada às necessidades da comunidade local e nacional; 4) Deve ser leal à tradição de direção *leiga*, sacrificando vida, tempo e dinheiro pela obra; 5) Deve cooperar lealmente com Igreja, lar, universidade e escola, não competindo egoisticamente com estas, em isolamento delas; 6) Deve considerar os 400 milhões de moços do mundo como a sua paróquia; 7) Deve visar a construir um "novo homem" e uma "nova sociedade" por meio de um programa do "evangelho total" para homem, nação e mundo totais.

Porém essas declarações, como entendidas pela Aliança Mundial, ainda poderiam não se conciliar com a religião católica. Os dirigentes protestantes bem intencionados falavam de um programa do "evangelho total" que não era o "evangelho total"; eles ainda encaravam um objetivo religioso e cristão a ser atingido sob direção *leiga*, como se Cristo não houvesse simplesmente instituído uma Igreja, cujos membros, em tudo o que dissesse respeito à sua religião, estavam sujeitos aos Apóstolos e aos sucessores destes através das idades.

Na Itália, esforçando-se por adaptar a A.C.M. às "necessidades da comunidade local e nacional", uma Convenção levada a efeito em Portovenere em 1946 definiu-a como sendo "uma Associação livre, independente de qualquer outra organização civil ou religiosa, para desenvolver a personalidade fisicamente, intelectualmente e espiritualmente na fé e na vida cristã, de acordo com as convicções e tradições de cada um!" Mas o princípio protestante do juízo privado, deixando a cada membro o decidir por si mesmo o que é a fé

cristã, e o indiferentismo no tocante a quaisquer doutrinas ou deveres específicos, ficaram apenas demasiadamente evidentes; e vimos como, em 1952, as autoridades da Ação Católica declararam a A.C.M. proibida aos católicos.

Na Palestina, surgiu uma situação extraordinária, baseada no novo princípio de "adaptação". Ali a exigência de dever a Associação permanecer sempre "Cristã" foi simplesmente alijada. Num artigo sobre as "Atividades da A.C.M. em Jerusalém", publicado em "Christian News From Israel", "Notícias Cristãs de Israel" em dez. de 1955, o Rev. Herbert L. Minard admitiu que, dos 2.350 membros da A.C.M. na Cidade Santa, 90% são judeus, constando os outros 10% de muçulmanos e cristãos — sendo as "três fés mono-teístas" aceitas em "pé de igualdade"! Será de admirar que, antecipando-se a um tal comprometimento da religião cristã, o Patriarca Latino de Jerusalém, Mosenhor Barlassina, tenha publicado uma Carta Pastoral em 1932 proibindo aos católicos a participação na A.C.M.?

Apesar de tôdas estas dificuldades e complicações, a Conferência Mundial de Paris, a 18 de agosto de 1955, conclamou "novos esforços para transpor a histórica brecha entre a Igreja Católica Romana e a A.C.M."

Mas não há meio de poder isso ser feito enquanto a A.C.M. ficar sendo uma organização religiosa sob chefia leiga, professando uma religião que não é a religião católica, e repudiando a autoridade eclesiástica constitucional própria da Igreja Católica.

Entrementes, a vasta maioria dos membros tanto da A.C.M. como da A.C.F. desde muito têm-se preocupado profundamente com o que eles consideram o sacrifício do Protestantismo, no qual as suas Associa-

ções tão fundamentalmente se arraigam; e opõem-se particularmente à admissão de membros não só muçulmanos, judeus e cristãos ortodoxos orientais, mas especialmente católicos.

CONCLUSÃO

A primeira coisa que claramente emerge das páginas precedentes é, certamente, que a A.C.M. é uma organização religiosa, definidamente Protestante nos seus princípios básicos, a despeito dos seus esforços para se elevar acima do nível "interdenominacional", para um nível "superdenominacional".

Ela existe primariamente para a melhoria religiosa dos seus membros, sendo tudo o mais entendido como meio para esse fim. Foi fundada por Protestantes para Protestantes. Que ela tem realizado muito bem entre os Protestantes, de acôrdo com o seu modo de ver religioso, ninguém desejaria negá-lo. Mas a Igreja Católica não tem outro recurso senão proibir os Católicos de aderir a essa sociedade religiosa, tal qual como está obrigada a proibir que eles se juntem aos Batistas, Episcopalianos, Metodistas, Presbiterianos ou a qualquer outra corporação religiosa. A A.C.M. não pode ser alinhada com o Rotary, ou com o Lions Club, ou com quaisquer outras organizações que expressamente se declaram não-religiosas. Porquanto ela mesma insiste em dever ser considerada como uma Associação religiosa.

Em segundo lugar, deve ser lembrado que a A.C.M. é uma organização internacional, cujos membros não são todos de uma mentalidade só, de modo algum. Mesmo quando ela parece reduzir o seu Protestantismo, em alguns lugares, a um mínimo vago e indefinido, a fim de induzir os católicos a se lhe juntarem,

em outros lugares, e na vasta maioria dêles, os seus membros persistem militantemente protestantes, e até mesmo anticatólicos. Assim, em 1916, o "Congresso Panprotestante" no Panamá traçou um programa para a protestantização da América do Sul. A quarta contribuição maior, financeiramente, para essa finalidade veio da A.C.M. Também, onde quer que surjam quaisquer movimentos calculados para prejudicar a causa do Catolicismo, ou para negar justiça aos católicos na vida civil, o apoio de membros e sobretudo de funcionários da A.C.M. é quase certo vir na frente. Os católicos que se aliam à Associação não podem fugir á responsabilidade por cooperação com tôdas as atividades em que, como um todo, ela se empenha no mundo inteiro. Tais católicos são inimigos da sua Fé e da de seus irmãos católicos em qualquer outra parte, por mais brandos e inofensivos que pareçam ser os membros não-católicos individuais com quem êles estão em contacto imediato.

Em terceiro lugar, a experiência tem mostrado apenas clarissimamente que, na vasta maioria dos casos, a A.C.M. não resulta e nem pode resultar na "melhoria religiosa" dos católicos, seja lá o que fôr que ela esteja no caso de realizar para os seus próprios moços protestantes. O Católico que se junta à A.C.M. invariavelmente tem a sua fé enfraquecida e as suas convicções tão minadas, que êle se torna indiferente aos ensinamentos e obrigações da sua religião, acabando, senão numa completa perda da fé, ao menos como outros católicos não praticantes e decaídos.

Em quarto lugar, as autoridades eclesiásticas têm falado tantas vezes, tão clara, tão definida e tão seriamente sobre esta matéria, que não pode haver dúvida acêrca do pensamento da Igreja Católica sobre o assunto. A luz de tais pronunciamentos, nenhum ca-

tólico poderia, em consciência, considerar-se livre de cooperar de qualquer modo com a organização conhecida como a Associação Cristã de Moços.

Os católicos que a ela se aliam ou que, tendo-o feito, continuam como seus membros em vez de resignarem, só podem ser escusados de pecado grave pela sua falta de conhecimento e por não terem compreendido a natureza e o escopo mundial da obra dela — escusa que nenhum católico que tenha lido cuidadosamente êste livrinho poderia apresentar em seu favor.

No início fizemos a promessa de que, por mais embrulhado e complicado que o nosso assunto se provasse, a conclusão seria mui definida e clara, e o caminho a seguir seria inenarrável para os católicos de boa vontade que desejem acima de tudo ser verdadeiros para com a sua Fé. Certamente ninguém pode declarar que essa promessa ficou incumprida.

APÊNDICE

I

A "Associação Cristã Feminina"

A "Associação Cristã Feminina" veio à existência independentemente da A.C.M., uns onze anos após a fundação desta última organização. Começou em 1855, como resultado da fusão de dois movimentos, um inteiramente espiritual, dedicado à leitura da Bíblia e à oração, iniciado por uma tal Miss Emma Robarts, e outro uma obra para provisão de hospedagem a ser proporcionada a moças empregadas, este iniciado por Lady Kinnaird.

Dentro em três anos a idéia achara o seu caminho, de Londres, o seu lugar de origem, para a América; e em 1858 as primeiras fundações foram estabelecidas em Nova York. O crescimento foi rápido nos E.U.A., e em 1906 foi formada uma Organização Nacional de A.C.M.'s.

A Constituição Nacional da A.C.M. assim define os seus objetivos:

"A finalidade imediata desta organização será unir num só corpo a Associação Cristã Feminina dos Estados Unidos; estabelecer e unificar tais Associações; participar da obra da Associação Cristã Feminina Mundial; promover os interesses físicos, sociais, intelectuais, morais, e espirituais das moças.

"A finalidade última de todos os seus esforços será procurar trazer as m^oças a um tal conhecimento de Jesus Cristo como Salvador e Senhor, que signifique para a m^oça individualmente plenitude de vida e desenvolvimento do caráter, e faça da organização, como um todo, uma agência efetiva do advento do Reino de Deus entre as m^oças".

Aqui novamente, como no caso da A.C.M., temos uma Associação primariamente religiosa por natureza, fundada por Protestantes, para Protestantes, de acôrdo com as interpretações Protestantes sôbre o que a fé em Cristo implica, e sôbre o que o Reino de Deus pretende ser. E essas interpretações não podem ser harmonizadas com a doutrina católica. Nem pode a Igreja Católica aceitar que a A.C.F. seja uma fonte conveniente na qual as m^oças católicas devam buscar orientação "moral e espiritual".

Em 1894, foi formada uma Federação Mundial de Associações Cristãs Femininas, e o desenvolvimento dela tem corrido parelhas com o da A.C.M. Uma "Prova Evangélica" similar, para a agregação plena, foi aceita; mas só até 1914, quando outra e mais ampla base foi adotada na Conferência de Estocolmo a fim de trazer para dentro dela as Igrejas Ortodoxas Orientais, e possivelmente os Católicos.

Todavia, a nova base adotada pela Conferência mundial não foi universalmente aceita pelas Associações Nacionais e Locais. Grande inquietação foi expressa acêrca das possíveis conseqüências, para a obra espiritual da A.C.F., se os "Católicos Romanos" fôsem admitidos à associação plena. Os Conselhos Nacionais da Finlândia e da África do Sul retiraram-se da filiação à Aliança Mundial em sinal de protesto contra essa mudança.

Em 1951 o Conselho Mundial promoveu outra importante Conferência em Beirut, no Líbano. Nessa Convenção foi livremente reconhecido que a Associação Cristã Feminina teve a sua origem no Protestantismo, e que a maioria dos seus membros são e fazem gosto de ser Protestantes. Sem embargo, resolveu ela:

“Embora, em alguns países, a Associação Cristã Feminina seja e continue a ser um Movimento Protestante, a Associação Cristã Feminina Mundial não pode ser um Movimento Protestante... a fim de que a Associação Cristã Feminina Mundial possa evoluir mais verdadeiramente para um Movimento Ecumênico”.

Mas renunciar ao nome de “Protestante”, embora continuando a aderir a conceitos religiosos especificamente protestantes, isto não melhora as coisas. Uma comunidade “ecumênica” ou mundial, baseada num mais baixo fator comum, “interdenominacional” ou “superdenominacional”, do Protestantismo evangélico, não é substitutivo suficiente para a genuína “Comunhão dos Santos” em que os Católicos professam a sua fé cada vez que recitam o Credo dos Apóstolos, e da qual sabem que a Igreja Católica é a única representante visível autêntica neste mundo.

Portanto, até onde os católicos entram em causa, tudo o que foi dito a respeito da A.C.M. aplica-se também à A.C.F. A incorporação a ela emprestaria apoio a ensinamentos religiosos que eles sabem ser falsos, e importaria num repúdio da sua própria fé. Em consciência, portanto, nenhuma jovem católica está justificada de pertencer à Associação Cristã Feminina.

II

O Pronunciamento da Santa Sé

Após êstes rápidos esclarecimentos, não poderíamos formular melhor juízo sôbre a A.C.M. senão aquêlê expresso pela Sagrada Congregação do Santo Officio em carta dirigida aos Ordinários dos lugares, assinalando à sua vigilância certas novas manobras dirigidas contra a Fé por associações não-católicas, em data de 5-11-1920. Vale a pena recordar, na íntegra, o documento:

Os Eminentíssimos e Reverendíssimos Cardeais que são, juntamente com o abaixo-assinado, Inquisitores gerais em matéria de Fé e de costumes, desejam que os Ordinários prestem uma atenção vigilante à maneira nom que certas associações não-católicas, com o concurso de seus membros de tôda nacionalidade, se acostumaram, há já algum tempo, a armar aos fiéis, em particular aos jovens, ciladas muito perigosas: elas oferecem abundantemente facilidade de tôda a natureza, que na aparência visam apenas a cultura física e a formação intelectual e moral, mas de fato corrompem a integridade da Fé católica arrancam os filhos à Igreja, sua mãe.

Essas organizações gozam do favor, dispõem dos recursos materiais e do zêlo de personagens muito influentes, e prestam serviços assinalados nos diversos domínios da beneficência; não é portanto surpreendente que elas se imponham às pessoas inexperientes que não tenham feito dessas obras um exame aprofunnado. Mas nenhuma pessoa avisada pode ter dúvida sôbre o seu verdadeiro espírito: porque se até aqui elas não haviam deixado entrever senão gradualmente o fim a que tendem, proclamam-no hoje sem disfarce em

folhetos, jornais e periódicos que são os órgãos de sua propaganda. Seu fim, dizem elas, é assegurar por bons métodos a cultura intelectual e moral da juventude: e, fazendo dessa cultura sua religião, elas a definem: uma plena e inteira liberdade de pensamento, fora e independentemente de toda a religião ou confissão. Sob o pretêxto de levar a luz aos jovens, elas os desviam do magistério da Igreja, constituída por Deus como facho de verdade, e os incitam a buscar em sua própria consciência, e portanto no limite estreito da razão humana, a luz que os deve guiar.

As principais vítimas dessas ciladas são os jovens estudantes de um e outro sexo. Êsses adolescentes, que para aprender a doutrina cristã e conservar a Fé herdada de seus pais, teriam mais necessidade de socorro que outras pessoas, ei-los sofrendo a influência de pessoas que os despojam desse precioso patrimônio e os levam insensivelmente hoje a hesitar entre opiniões contrárias, amanhã a duvidar de todas, quaisquer que elas sejam, finalmente a abraçar uma espécie de religião vaga e indecisa, que nada tem absolutamente com a religião pregada por Jesus Cristo.

Essas manobras exercem destruições bem mais consideráveis nas almas — praza a Deus que elas fôsem menos numerosas! — que, por negligência ou ignorância dos pais, não receberam no ambiente familiar essa primeira instrução da Fé que é de uma necessidade primordial para todo o cristão.

Privados do uso dos sacramentos e conservados afastados de toda prática religiosa, acostumados a não considerar as coisas mais sagradas senão com uma completa independência de julgamento, essas almas caem assim miseravelmente no que se chama *indiferentismo religioso*, condenado pela Igreja em várias circunstâncias, e que implica a negação de toda a religião. Vêm-se também êsses cristãos, à flor da idade, andando sem guia, soçobrar nas trevas e angústias de dúvida; para naufragar na Fé basta recusar a adesão do espírito a um único dogma.

Poderá acontecer talvez que se surpreenda nos lábios e no coração desses jovens um sinal ou uma sombra apagada de piedade, ou mesmo testemunharão êles um ardor pouco ordinário no devotamento às obras de beneficência: não se deve ver nisso senão o efeito dum hábito muito prolongado ou de um temperamento mais dócil e de um coração mais compassível, ou enfim de uma virtude toda humana e natural,

que por si própria é desprovida de todo valor com relação à vida eterna.

Entre essas sociedades basta mencionar aquela que, tendo dado origem a várias outras, é a mais difundida (em razão sobretudo de serviços importantes que durante os horrores da guerra ela prestou a uma multidão de infelizes) e que dispõe dos mais confortáveis recursos; queremos nos referir à Sociedade dita *Young Men's Christian Association*, por abreviação Y.M.C.A.; pessoas não-católicas de boa fé lhe dão inconscientemente seu apoio, considerando-a como uma organização útil a todos ou, pelo menos, inofensiva para quem quer que seja, e ela é sustentada por certos católicos demasiadamente confiantes que ignoram o que ela é na realidade.

Essa sociedade, com efeito, professa um amor sincero aos jovens, como se nada lhe fôsse mais caro do que promover seus interesses corporais e espirituais; mas ao mesmo tempo abala sua Fé, pois que, conforme ela mesma declara, se propõe *purificá-la* e difundir um conhecimento mais perfeito da verdadeira vida, colocando-a "acima de toda Igreja, fora de toda confissão religiosa".*

Ora, que se pode esperar de bom daqueles que, banindo de seu coração o último resto de fé, vão, longe do aprisco de Jesus Cristo, em que gozavam de felicidade e de repouso, errar ao sabor de suas paixões e de sua natureza?

E porque, vós que recebestes do céu o mandato especial de governar o rebanho do Mestre, esta mesma Congregação vos conjura a empregar todo vosso zelo em preservar vossos jovens do contágio de toda sociedade desse gênero, cujas boas obras, apresentadas em nome de Cristo, põem em perigo o que a graça do próprio Cristo lhes deu de mais precioso, colocai portanto em guarda os imprudentes e fortificai as almas cuja Fé se acha vacilante; armai de espírito e de coragem cristãos as organizações da juventude dos dois sexos já existentes em vossas dioceses e fundai outras semelhantes: para fornecer a essas sociedades os meios de contrabalançar a ação de seus adversários, apelaí para a generosidade dos católicos mais prósperos. Incitai do mesmo modo os curas e diretores de obras da juventude a cumprir valentemente sua

*) Citação do folheto publicado em Roma pelo escritório central da Y.M.C.A., *O que é a Y.M.C.A.*

missão e, sobretudo, pela difusão de livros e folhetos a contrapor um dique às ondas avassaladoras do erro, a desmascarar as manhas e ciladas do inimigo e a dar um apoio eficaz aos defensores da verdade.

Cabe-vos, portanto, nas reuniões regionais do Episcopado, tratar essa grave questão com toda a atenção que ela merece e de tomar, depois de deliberação, as medidas que pareçam praticamente oportunas. Nesta ordem de idéias, a Sagrada Congregação pede que, em cada região, um ato oficial da Hierarquia declare interditos de direito todos os órgãos diários periódicos e outras publicações dessas sociedades cujo caráter pernicioso é manifesto, que são distribuídos com profusão para semear nas almas dos católicos os erros do racionalismo e do indiferentismo religioso.

Os metropolitas ficam encarregados de fazer conhecer à Sé Apostólica, no prazo de seis meses, as resoluções e os atos praticados de acordo com a situação de cada diocese.

Dado em Roma, no Palácio do Santo Offício, a 5 de novembro de 1920. — R. Card. Merry del Val, secretário.



INDICE

A.C.M. — A.C.F.	5
História da A.C.M.	7
John R. Mott	9
Caráter religioso da A.C.M.	12
Essencialmente protestante	15
Relações com as Igrejas	17
Sob contrôlo leigo	19
Sempre em perigo	22
Atitude oficial da Igreja	25
Últimas modificações	31
Conclusão	36
Apêndice I: A "Associação Cristã Feminina"	39
Apêndice II: O Pronunciamento da Santa Sé	42